

EM BUSCA DE UMA QUALQUER

(2010)

Isa Maria Zimmermann de Araujo

Psicóloga. Psicanalista. Membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Brasil)

Email:

isaziaraujo@yahoo.com.br

RESUMO

O objeto de estudo neste trabalho é um caso clínico que foi interrompido, aparentemente, 'sem justa causa'. Trata-se de um caso de histeria, que se insinuou pela contratransferência da sensação de intrusão. A hipótese da autora é de que a paciente precisava se sentir ligada a alguém de maneira superficial, uma continuidade sua, que pensasse como ela, que a mantivesse imobilizada em sua travessia da sexualidade rumo a um Édipo integrado.

Palavras-chave: Ambiguidade, contratransferência, ninho narcísico

INTRODUÇÃO

O mundo narcísico de ilusão da paciente, que chamarei Lia, durava pouco. Quando paralisava o analista e se paralisava, vinham os algozes perseguidores, e para fazer viver o que estava (morto) dentro dela, ela corria para quem ainda podia escutá-la e tolerá-la, a despeito dos ataques infligidos à pessoa. Apoiada nesta ambivalência não conseguia se constituir como sujeito. Aqui tratarei da tentativa de travessia ao desconhecido, mau ou bem sucedida.

APRESENTAÇÃO DA PACIENTE

A paciente, Lia, é uma jovem de 24 anos, estudante universitária do quarto ano de Direito e estagiária de uma conceituada empresa. Trabalha em período integral e estuda à noite. Mora com mãe e irmã, é independente com seus gastos, inclusive com a psicoterapia, com exceção do

custeio dos estudos, feito pelo pai. Bastante dedicada, se diz respeitada pelos colegas, com exceção de sua chefe imediata. Segundo a paciente, a chefe tem ciúmes e não quer a sua efetivação no final do ano, quando então estará formada.

Teve vários relacionamentos amorosos sem nunca ter tido experiência sexual. Diz ser uma garota séria, que pretende se casar, ter filhos, constituir uma família, que nunca teve. Seus pais estão separados há um ano, a irmã é um ano mais velha. O seu relacionamento é complicado com a família. O pai é pessoa instável, e diz da irmã “*somos como água e óleo*”. Queixa-se da outra mulher do pai, e sua filha, que ele mantém como “*dondocas*”, pois nenhuma delas trabalha.

Lia foi encaminhada ao setor de Psicologia do Sedes pela mãe em 1979, com a idade de 12 anos, quando estava na sexta série do Ensino Fundamental. Já havia feito ludoterapia. A queixa principal era de não tinha noção de espaço, que vivia dando trombadas. De difícil sociabilidade, ninguém gostava dela, era insegura, necessitava sempre da confirmação dos outros e tinha muito ciúme da irmã mais nova. Nasceu de cesariana, teve icterícia. Era sonâmbula, perdia o fôlego até os três anos de idade. Em um eletro-encefalograma foi detectada uma atividade irritativa alterada e passou a tomar Tegretol. Constam nos arquivos do Sedes, atendimentos entre 1992 a 1999, incluindo Psicodrama e Gestalt Terapia, sempre abandonando os tratamentos.

Meu primeiro contato com Lia foi em setembro 1999, na Clínica do Sedes. Começou a ser atendida uma vez por semana, alegou problema com os horários disponíveis e deixou o tratamento. Retornou a terapia em março de 2000, em meu consultório particular, e interrompeu o tratamento em agosto de 2002.

A paciente dizia que seus pais não viviam bem, se descuidavam das filhas, ela se sentia excluída. Nos seus relacionamentos amorosos sempre se sentiu colocada em segundo plano. Precisava de pessoas que a compreendessem, a escutassem. Quando contrariada se sentia excluída.

Referia-se ao pai como confuso, e bastante agressivo com ela e a irmã (uma vez correu atrás delas com uma faca) e que sua irmã já havia tentado suicídio por ingestão de medicamentos. O pai dizia “*que ela não seria nada na vida*”. Sendo “*a boazinha*” ou “*a correta*” ela provava o contrário, com boas notas escolares e exemplos de mérito pessoal.

Para Lia, a mãe vivia como adolescente, que só pensava em se arrumar para festas, acordava ao meio-dia para trabalhar às treze horas. O pai apesar de tudo, era mais presente, fazia as compras do mercado, enchia a geladeira nos finais de semana. A irmã se parecia com o pai, não se importava com a situação. Lia não gostava de ter amizades com mulheres, “*todas são muito fofoqueiras*”. Dizia querer as coisas sempre do seu jeito. A estética era muito importante, tinha consciência de seus dotes pessoais, mas que não entendia por que não tinha namorado firme. Dizia não saber por que todos queriam mudá-la, quando ela achava que não precisava mudar em nada, nem por dentro e nem por fora. Ser cuidada para ela significava ser criticada.

Não encontrava satisfação em nada, não sentia fome, tinha frequentes crises de gastrite, reclamava que sua mãe não se preocupava com ela, pois ao chegar tarde da noite só tinha restos para comer.

Quando comecei atendê-la no consultório, mudou de emprego, começou a sair mais com os colegas, estava se relacionando melhor com a família, e começou uma relação com um rapaz da faculdade. Este cenário durou pouco, pois sempre que começava uma relação ficava ansiosa e fantasiava projetos futuros não coincidentes com a realidade, e logo tudo se desmoronava.

Seu pai casou-se uma mulher que conheceu pela internet. “*Meu pai me trocou por outra mulher, outra família*”. Ele tornou infelizes ela e a mãe, humilhando-as. Lia fez ameaças ao pai, fez escândalo. Certo dia me ligou pedindo uma sessão para o pai que gostaria de conversar comigo, e ela não iria participar. A intenção de Lia era que eu indicasse um terapeuta para o pai. Neste encontro, o pai se mostrou desesperado com as reações da filha, comentou que ela estava se comportando como se fosse sua mulher. Eu disse que Lia necessitava de tratamento e que seria interessante, antes de tudo, uma maior frequência nos atendimentos. Ele se dispôs a custear as sessões extras, mas isso não aconteceu.

Lia revoltada com a separação, e com o não custeio das sessões extras, passou a se dirigir ao pai só para falar de dinheiro, agredindo-o. O namorado se afastou e ela estava de novo rejeitada. Com a sequência do atendimento ela foi aceitando a separação dos pais, com a mãe já não aparece o desleixo pela casa nem pela família. A paciente está olhando mais para os seus problemas pessoais, acredito que está mais em contato consigo mesma, apesar de suas faltas e remarcações das sessões. Suas queixas são a intolerância de sua chefe com os seus erros e também o namorado da irmã que ocupa um lugar na sua casa. Por causa de suas oscilações de humor, é sempre difícil imaginar como será a próxima sessão, se virá ou não.

REFLEXÕES TEÓRICAS E CLÍNICAS SOBRE O ATENDIMENTO

Para organizar as contribuições teóricas decorrentes do levantamento bibliográfico sobre o funcionamento psíquico desta paciente, destaco alguns pontos fundamentais:

- A ambiguidade de ser um qualquer – dois lados

A procura de ser qualquer pessoa com limites e frustrações. A negação absoluta disso, que a torna uma prostituta, sedutora, para ganhar um privilégio.

- A Questão Edípica.

Está localizada na impossibilidade de constituir-se como sujeito, não consegue ser filha, irmã, paciente, funcionária treineira, namorada.

- A identificação projetiva como defesa e como invasão.

- A Contratransferência.

Para desenvolver esses pontos, articulando-os com a dinâmica psíquica da paciente, me basearei no referencial teórico Kleiniano.

Sempre que Lia concordava em aumentar o número de sessões, começava a faltar, desmarcava sessões, justificando não ter horário disponível. O fato de *argumentar* com a paciente, denunciava que eu estava fora do lugar de analista, não estava de posse da comunicação exata. Quando faltava ou desmarcava as sessões, Lia chegava quase a implorar que continuasse a atendê-la uma vez por semana, pois assim não se “*considerava um caso perdido*”, uma paciente qualquer. Soava como um pedido de conluio, para que permanecesse ligada por um fio (“*faço de conta que faço análise*”).

Diante de um impasse, nas sessões seguintes ficava confusa, desmarcando e remarcando logo depois. Não suportava se aprofundar, resistia, voltava para o contato superficial.

O material era abundante, de caráter evacuatório, sem brechas para possíveis apontamentos ou interpretações. Após alguma interpretação, Lia dizia “*sim*”, depois esvaziava seu conteúdo ou apropriava-se da autoria. Estar no controle significava dizer estar protegida do que vem de dentro e do que vem de fora.

Na transição Instituição/Consultório particular, deixei o número do telefone celular para algum contato eventual. Comecei a receber telefonemas em horários inusitados. Pensei o quanto Lia queria “*fazer parte da minha vida*” ou “*tomar parte da minha vida para si*”, de maneira invasiva, penetrando em minhas circunstâncias e relações.

Percebi que Lia necessitava de um re-enquadre, precisava receber limites, de um *setting* paciente/analista/consultório. Novas situações de manipulação foram surgindo. Os horários pré-determinados começavam a ser alterados, ora horários comuns, ora diferenciados (aos sábados às 19 horas).

Estabeleci um horário admissível que foi acatado, e ela desconfortável, se sentiu como uma “*paciente comum*”, sem privilégios. As sessões prosseguiram, ela inconformada. Saiu de férias e quando voltou reclamava, não queria ficar ali comigo, se dizia pressionada e que apesar de atendê-la num dia especial – aos sábados, e também por tê-la socorrido diversas vezes, estava demais. Até que no último encontro, após as férias, precedido de uma ligação onde dizia “*Não vou mais, Não posso pagar, Fui demitida*”, pedi que viesse conversar. Veio e disse que a terapia era sua prioridade, comprar roupas, sapatos, podiam esperar. Havia recuperado como prioridade o lugar de ser a preferida do pai, que sob suas ameaças, resolveu custear seus estudos, seus caprichos, sua liberdade.

O projeto da análise a conduziria a ser uma filha comum e não a preferida. Lia misturava o “*ser um caso perdido*” e “*ser uma paciente comum*”. Ela usava o sentido de “*ser uma comum*”

para se defender de “*ser uma entre outras*”. Recusava dessa maneira a travessia da castração, ficando na ilusão de ter se casado com o pai. Ao longo do atendimento a relação transferencial apresentou variações. Suas relações eram idealizadas, usava as fantasias para perpetuar o *status quo*. Quando não era correspondida, se frustrava, agredia. Depois se arrependia, e tentava reconstruir a relação em sua cabeça, com um fim diferente e se culpava.

“*Em busca de uma qualquer*” reflete o funcionamento psíquico ambíguo de Lia em ser “*uma dentre outras*” ou daquela “*que não tem valor*” (pobre de amor ou recebida pobre) e de como se vincula. Sendo “*uma qualquer*” prostituía-se entrando em todos os lugares. Só sobrava a ela o gozo pequeno de quebrar os limites, o vício da pornografia, do desmedido, do transloucado; impossibilitando a criação do ninho narcísico, lugar em que poderia sentir-se identificada e acolhida.

Penso que Lia se identificou com a imagem da mãe, que não conseguiu supri-la com os atributos do que é ser mulher. O pai abastecia a geladeira, mas não serviu de referencial interno.

Sem uma identificação introjetiva ou projetiva satisfatória com ambos, fica empobrecida em seus aspectos masculinos e femininos. Seus pais são muito desvalorizados. Estes aspectos me levam a pensar o quanto Lia era imatura e tinha forte fixação na posição oral.

Segundo Meltzer (1973, p.83):

“A base, no inconsciente, da vida sexual da pessoa madura, é a extremamente complexa relação sexual dos pais internos, com os quais é capaz de rica identificação introjetiva, tanto no papel masculino como no feminino. Uma bissexualidade bem integrada torna possível uma intimidade duplamente intensa com o parceiro sexual, por meio tanto da introjeção quanto de uma identificação projetiva modulada que encontra seu lugar na mentalidade do parceiro sem controlar ou dominar”.

Para Bion isso se assemelha ao uso normal da identificação projetiva como um modo primário de comunicação.

Nos relacionamentos amorosos, Lia se apaixonava rápido, idealizava a relação, não as concretizava, os parceiros rompiam antes, pois sempre os remetia a uma situação de imposição e julgo a seus desejos. Segundo Meltzer (1973, p.83) neste caso o tipo de identificação projetiva difere do anterior mencionado, “*...Há uma divisão interna e identificação projetiva violenta da bissexualidade infantil, tão predominantes na puberdade e na adolescência condensados numa paixão súbita*”.

Não foi possível separar os aspectos da natureza poliforma da sexualidade adulta dos aspectos infantis e perversos do material apresentado por ela, o objetivo era a manutenção da sexualidade infantil com os objetos. Meltzer (1973, p.83) adiante diz:

“...para compreendermos a complexa estrutura dos afetos, impulsos, fantasias e ansiedades que formam a vida sexual adulta se faz preciso a observação da relação coital dos pais internos. Precisa ser compreendida a relação coital de objetos internos tem uma intensa dependência de partes infantis do eu para com a mãe interna que é a base de toda estrutura psíquica estável e sadia”.

Se a mãe possuir capacidade de receber do bebê as projeções dos estados de aflição mental e física (provenientes da perseguição dos conteúdos corporais – fezes e urina), e devolver parte deste mesmo eu destituída da persecutoriedade pela amamentação, a relação do bebê com o pai interno será vivenciada como essencial para a sua sobrevivência, e para os bebês internos da mãe interna. A mãe é representada também com a função de guardar dentro de si o pênis do pai adquirido no ato sexual, que por sua vez terá a função de manter a ordem e proteger o espaço interno da mãe.

Esta elaboração não é tão simples, pois diversos tipos de ataque e intrusão infantis aparecem neste percurso motivado pelo desejo do bebê de penetrar o corpo da mãe por raiva e frustração e causar prejuízos aos órgãos e objetos que lá se encontram, seja por ciúmes da mãe e seus conteúdos e também pelo desejo de tomá-los para si.

Reporto-me a uma fantasia edipiana primitiva, em que Melanie Klein (1966, p.69) diz:

“Seus órgãos genitais acham-se entrelaçados em permanente relação sexual – A figura combinada dos pais”. “(...) a ideia do pênis materno, é em verdade um pênis escondido dentro da vagina”. Uma intensidade especial é conferida a esta situação de perigo pelo fato de uma união dos pais estarem em questão (...) esses pais combinados são assaltantes extremamente cruéis e muito temidos”.

A relação sexual executada pelos pais é perigosa para eles e favorecem a hostilidade da criança com a figura ameaçadora. Mais tarde será a fonte de violência e sadismo. Uma bissexualidade bem integrada resultaria na introjeção das figuras parentais para além dos objetos parciais, mas sim reconstruída baseada em objetos totais, onde o pai e a mãe seriam vistos e reconhecidos mais reais, permitindo com isso a constituição de um vínculo partilhado e um sentido de responsabilidade compartilhada em relação aos filhos, que segundo Meltzer favoreceria a monogamia.

Posso pensar nessa paciente como identificada com essa “*figura combinada*” resultante da má introjeção das figuras parentais, que ao mesmo tempo fica numa posição de se defender, atacando para sobreviver aos algozes e que se sente roubada ou trocada, permanecendo sempre como perseguida e prejudicada por eles. Lia não conseguiu fazer a elaboração (dos pais como figura combinada) ela sentia a dor, mas, a expelia de imediato.

Klein (1982, p.130) descobriu que a crueldade e a agressividade no brincar conduziam a uma forma extrema e severa de remorso e de culpa, originada na agressão. Ficou chocada com a violência das fantasias das crianças: “(...) *é difícil, sei-o por minha própria experiência, força-se a reconhecer que uma ideia abominável corresponde à verdade*”.

Era o próprio sadismo que assustava as criancinhas e tornava-as tão temerosas de uma retribuição sádica igual. Estas situações de ansiedade remetiam a uma situação mais arcaica de ansiedade, que coincidia com a fase sádica, implicando também a luta com o pênis do pai dentro da mãe – os ataques infantis ao corpo da mãe, com o temor da retaliação na mesma moeda.

A princípio a relação arcaica com o seio tem características orais, e as fantasias sádicas e paranóides, de sugar, morder ou ser mordido. Tanto meninos como meninas voltam-se do primeiro objeto mãe para o pai e o pênis, neste sentido adotam uma posição de feminilidade. A esta passagem do desvio de um objeto para outro Klein considerou como uma etapa de desenvolvimento para a posição depressiva, residindo numa profunda ambivalência, onde o pai passa a ter importância, assume o caráter daquele que é o guardião dos objetos internos da mãe.

A Psicanálise sempre se baseou no conflito mental, e estar ambivalente significa dizer possuir a sustentação de estados contraditórios de sentimento no relacionamento com determinado objeto. Quando o grau de ambivalência é muito grande poderá haver inibição nas etapas evolutivas posteriores, as fixações. Os sentimentos conflitantes poderão, em contraste, ser alterados, em estados mentais dissociados, ou cindir-se dando origem a uma instabilidade, na medida em que o amor e o ódio dão lugar a um outro – o objeto ideal ou os impulsos podem fundir, tal como a mistura de libido e destrutividade (sadismo), que dá origem a uma perversão sádica sexual excitada. Como um estado mental intenso que visa jogar tudo para fora para não ficar no vazio.

“A gratificação experimentada no seio da mãe capacita o bebê a voltar seus desejos na direção de novos objetos, primeiro de tudo no sentido do pênis do pai. Um ímpeto específico, contudo, é dado ao novo desejo pela frustração na relação com o seio”. Klein (1945,p.408).

Isto quer dizer que a relação de frustração e gratificação que desde o início moldam a relação do bebê com o seio bom e amado e um seio mau e odiado, será transferida para a nova relação com o pênis pai. As frustrações sofridas nas relações anteriores aumentam as exigências e as esperanças em relação à nova fonte e estimulam o amor pelo novo objeto. As duas atitudes

conflitantes (amor e ódio) com a mãe, acrescidas com o terceiro objeto (pai) são integradas à complexidade dos complexos edipianos (positivo e invertido).

Lia sempre mostrava sentimentos conflitantes, ambivalentes em relação aos pais, pois dizia “...na casa das minhas amigas existem pai e mãe, são aqueles que se preocupam com os filhos”, ao contrário de sua casa, pois seus “pais se preocupavam com seus próprios assuntos deixando os filhos sem cuidados, desprotegidos”. Seu pai chegava a ser dedicado e odiado e sua mãe por algum tempo alheia, com o atendimento, passa a ter uma posição de mãe integrada, que podia ouvi-la e se importava com ela. Lia estava retornando a um ninho narcísico com sua mãe, calmo, não tão barulhento, com condições para acolhê-la.

No final Lia me telefonou brava, deixando um recado na secretária de que havia perdido o emprego e que a ajuda do pai foi negada para custear sua análise, e que não viria mais. De imediato pensei como uma mãe protetora e insubstituível, aquela que suporta tudo e acolhe. Retornei a ligação e propus que viesse conversar comigo. Ela precisava acertar o pagamento das sessões comigo e perguntou se foram duas. Respondo que haviam sido quatro sessões.

TRECHO DA ÚLTIMA SESSÃO.

Lia comparece no dia e horário combinado, chega e pergunta se deve se deitar ou sentar. Sempre diante de impasse que pudesse gerar interrupção da análise, sentava-se. Agora, fica de frente para mim.

P - Estou muito feliz, aliviada.

T – Posso perceber.

P - Tirei um peso das minhas costas porque eu não aguentava mais o aprisionamento naquele ambiente, com aquela megera. Então saí.

T – Coincidência! Quando você entrou para trabalhar nesta empresa, também começou o nosso trabalho clínico aqui no consultório e agora você está saindo de lá e também não quer vir mais à análise.

P – (Sorri) Eu quero, mas não dá. O meu pai voltou atrás e vai me ajudar, não com tudo, mas vai. Depois de brigar comigo, resolveu me ajudar até o final do ano a custear minhas passagens, meu estudo. Sei que será difícil, pois não poderei mais comprar roupas, coisas assim, mas é por pouco tempo. Já não estou me sentindo tão sozinha. Na hora da raiva briguei com ele, disse um monte, que ele sustenta quem não trabalha e porque não pode me ajudar? Disse também que agora eu teria mais tempo para prejudicá-lo. Que ele me aguardasse.

.....

T - E como foi a demissão?

P - Eu pedi demissão. Procurei meu gerente mais cedo, antes que a chefe chegasse e ele não negou que eu não seria efetivada no final do ano. Falou que havia a possibilidade de eu ser removida de setor, mas que demandaria tempo. Disse também que ficar ali seria impossível porque havia um clima muito ruim de incompatibilidade entre minha chefe e eu. Mandou que eu a procurasse para conversar. Ela foi falsa, fingindo não estar acontecendo nada. Daí então, pedi demissão dizendo na saída bem alto para todos ouvirem do departamento: Não desejo à sua filha o que estou passando, tomara que ela tenha a sorte de não ter um chefe como você.

.....

T - Acho que você deve estar se sentindo aliviada de sair daqui porque também acha que não está sendo aceita como deveria e que também não suporta as coisas que digo.

Pausa...

Lia volta a falar do pai, nos Dia dos Pais foi com ela e a irmã e pai ao shopping e que andou de mãos dadas com as duas como se fossem menininhas. Falou com ironia.

T - Tem vezes que você gosta de ser tratada como menininha, de ser carregada pela mão, de não assumir responsabilidades sobre sua vida, mas por outro lado tem dias que gosta de ser tratada como adulta e reclama. Acaba ficando muito confuso.

P- Agora estou bem, mas não sei por quanto tempo.

T- É Lia, daqui você não está sendo demitida e nem tendo alta. Ao contrário, e já que você tem mais tempo disponível venha duas vezes por semana.

P - Tá bom.

Na sessão seguinte liga dizendo que não viria mais. E que não queria perder o contato comigo. Agradece e some.

Quando reescrevo esses comentários penso que o peso é de ter só a mim para contar, eu que não era a sua preferida. Na ausência de algo melhor até me suportava para não ter que ficar sozinha como das outras vezes em que rompia as relações com todos da família, amigos e namorados.

Por que esta minha necessidade de sempre acolhê-la e tentar resgatar tantas vezes a relação que sempre esteve por um fio? E como eu estava carregando todo o peso que ela sentia nas minhas costas?

No transcorrer da sessão percebi que o peso tirado das suas costas era o peso da responsabilidade de ser adulta, de se responsabilizar pelas restrições impostas pela realidade. Acredito que devido às ameaças de Lia, para acalmá-la disse que poderia preservá-la destes algozes que a perseguiam. Podia preservá-la desta confusão que a análise deixava, tomando-a pela mão como uma menininha, sem as obrigações que a responsabilizaria por sua vida e

injunções criadas por ela própria. Desta maneira acho que Lia relaxou no seu gozo pequeno de quebrar os limites e decidiu suspender a análise, pois seus aparentes reais motivos para continuar não existiam mais, pelo menos por algum tempo. Na sua ilusão de completude conquistou o espaço de ser a “filha” ou “mulher” preferida por ele para ocupar o papel central da sua vida.

Em algum momento da sessão eu disse a ela, que a sentia bem, mas que ambas sabíamos que sua vida alternava muito rápido entre estados de confusão e insatisfação, que não era o momento para parar a análise. Como ela era uma pessoa que estava concluindo o ensino superior, poderia fazer o que achasse melhor, pois a vida era dela e caberia à sua própria decisão. Ela aceitou continuar vindo. Depois pensei que receberia um telefonema seu informando que não viria mais. Assim aconteceu, Lia me ligou deixando o recado esperado.

Vir podia significar se submeter ao meu controle e isto implicaria em “*ser uma paciente qualquer*”, sem privilégios. Quando tentei refazer o contrato de frequência e preço, coloquei-a em cheque, submetendo-a a ter “*que pedir demissão*”.

Não sei se fiz uma tentativa de resgatá-la como de outras vezes ou se atuei para colocar um limite reassegurando minha posição. Lia me sentia em dúvida, talvez por isso nunca tenha me abandonado por completo. Percebi esse fato, pois em meu relato transitei com dificuldade nos tempos entre passado e presente, como se Lia nunca tivesse ido embora, se mantendo presa a mim por um fio.

Pedi que aumentasse a frequência das sessões, mas ao mesmo tempo cedi no valor, permanecendo no preço anterior. Acreditei com isso que a temperança entre o bem e o mal pudesse fazer sentido, na tentativa de que voltasse na sessão seguinte. Isso não ocorreu e de novo soou aos seus ouvidos como um apelo para que ficasse porque eu precisava dela, na condição da paciente privilegiada por mim, daquela que tudo podia.

Meses se passaram e releio as últimas sessões com um novo olhar. No momento em que pensei que estivesse sem limites, estava encontrando meus próprios limites, passando a acreditar neles, de fazê-los valer para mim e torná-los mais convincentes para Lia. Durante os atendimentos estabelecia um limite absoluto, não deixava espaço para que Lia expressasse os aspectos infantis perversos da sua sexualidade na transferência. Ela não encontrou em mim espaço continente para atuar sua perversão. Foi impeditivo o terreno analítico com possibilidades para a transformação.

Lia vinha às sessões e falava sobre a casa louca em que vivia, projetava seus medos, frustrações. Ao mesmo tempo em que eu a acolhia, disponível, ela encontrava um lugar de caráter ambíguo, e não podia reviver, para ter a coragem de sair do círculo vicioso de sua vida. Parasita da vida alheia ela grudava impedida de construir o próprio ninho narcísico. Como Lia poderia conseguir se nem mesmo eu acreditava na solidez de meu ninho, da minha própria escuta, do meu próprio *feeling*, do meu próprio olhar? Muitas sessões se passavam sem compreensão, como se eu estivesse incapacitada de sentir, de pensar. Sentia-me presa, enroscada,

comprometida na relação contra-transferencial, não conseguia clarificar o funcionamento de Lia e a conseqüente falta de *insight*. Percebi o parasitismo destrutivo.

Hoje questiono se esta sombra estava a serviço de uma agressão invejosa voltada para a destruição da relação dos outros ou como uma defesa estruturada para Lia/analista serem alguém, pois se sentiam vazias.

Segundo Kyrle (1990, p.40):

“...A motivação do analista é uma combinação de curiosidade e tendências parentais e reparadoras. Seu instrumental consiste tanto em seu conhecimento teórico sobre o inconsciente quanto na familiaridade pessoal com suas manifestações o que obteve em sua própria análise.”

Numa relação contratransferencial normal há uma oscilação rápida entre introjeção e projeção. O paciente fala, o analista fica introjetivamente identificado com ele e, tendo-o compreendido dentro de si, reprojeta-o e interpreta. O paciente recebe as interpretações que o auxiliam com outras associações, que podem ser compreendidas. Quando tudo vai bem, o analista satisfaz tanto sua curiosidade quanto suas tendências reparadoras, pois tem a sensação de estar compreendendo seu paciente desde dentro. Esta situação não persiste durante todo o processo de análise, ela é muitas vezes atravessada por incompreensões do analista.

Escrever este trabalho está sendo um enorme aprendizado. É impossível acolher as experiências do paciente sem também passar pela experiência. Recolhemos as projeções de nossos pacientes digerindo-as, e também temos que assimilar nossas reações precisando regredir e elaborá-las. Bion nos diz que encarar e elaborar nossa própria experiência, tanto o de querer se conhecer quanto a do temer o conhecimento, facilita um contato mais profundo com estas partes do paciente e com seus objetos internos.

Meltzer (1971, p.04), diz que

“O analista deve estar perdido na experiência interna do seu paciente, confiando em sua virtuosidade analítica da sessão, para dar continuidade ao manejo técnico e ao trabalho analítico”.

Prossegue dizendo que o analista deve “*emergir*” quando descansa, para compreender o que de fato estava fazendo e que área do processo analítico estava sendo atravessada. Quando mergulhados no mundo interno, muitas vezes sucumbimos às interferências externas para nos proteger contra ataques de estruturas infantis, que nos causam confusão, preocupação, desapontamentos. Suportamos a frustração quando sucumbimos ao não sabido e deixamos a questão flutuar. Criar uma ponte com a análise pessoal para a compreensão do nosso mundo interno, com aporte teórico, é que poderá fazer sentido o sem sentido. Segundo Viana (1993,

p.13), “esta é a lei segundo a qual o poeta só chega a estar em casa, naquilo que lhe é próprio, ao final da travessia poética que o conduz, de início ao estrangeiro, no exílio”.

Essa lei ajudará a conduzir-me, analista em formação, à travessia de meu próprio caminho rumo ao desconhecido, superar o não saber, rumar para o intangível “*obscuro objeto do desejo*” que nunca será submetido ao julgo do meu desejo. Resgatando com devaneio/fantasia a possibilidade da reconstrução do singular ninho narcísico.

CONCLUSÃO

“Apenas os jovens tem tais momentos. Não me refiro aos muitos jovens. Não. Os muito jovens não têm, a bem dizer, momento algum. É um privilégio do começo da juventude viver adiante de seus dias, em toda a bela continuidade de esperança que não conhece pausas ou interrupções.”

(A Linha de Sombra, Joseph Conrad)

Toda a experiência nova por que passamos não é coisa do sobrenatural, é o natural, é parte da vida dos que vivem e sofrem, é palpável e perceptível no mundo dos sentidos. O navegador/analista/paciente ao realizar sua travessia utiliza forças que o envolvem, em sua relação com pessoas de seu passado, presente e futuro. Ao escrever essas linhas finais rememoro os acontecimentos. Algumas questões foram assumindo um caráter de extrema importância para o seu desenvolvimento:

- A dificuldade em transitar, em meu discurso nos tempos passado e presente.
- O limite de um *setting* rígido imposto com caráter ambíguo.
- A necessidade de me ocupar do trabalho de forma viciosa.

Segundo Viana (1993, p.172): “*uma projeção não se faz no vazio*”, mas precisa de um outro – o analista que “*se oferece – sem poder deixar de fazê-lo – feito imã às projeções do analisando*”. “*É no corpo da mãe que o bebê avidamente deseja penetrar para conhecer e para ser reconhecido: é ali que começa a ser vivida a cena edípica (Édipo primitivo), dentro da qual a criança será marcada e significada pela violência das relações que entretém com o objeto*”.

O analista empresta-se para que o analisando faça suas projeções, e a dupla analista-analisando pode viver na transferência todas as angústias inerentes ao processo de uma análise. Segundo Pontalis, apud. Viana (1993, p.174), se faz preciso que o analista seja “*tocado em carne*”

viva” (angústia criativa) para que uma análise funcione, e o sem sentido passe a ter sentido. Ao contrário, ser “*tocado em carne morta*” (angústia mortífera) reflete uma paralisia de corpo e mente do analista”.

Destaquei os aspectos contratransferências que permearam o processo de atendimento deste caso clínico. Serviram de instrumento de “ajuda” para me auxiliar com os afetos e angústias que foram despertados, e que de alguma forma não me deixavam. As palavras, aos poucos, se traduziram na tessitura deste trabalho. Quando a paciente terminava a sessão, eu não sabia se viria ou não na próxima. Hoje, já não trago essa dúvida, sei que só depende dela esta escolha. Este capítulo se encerra aqui.

REFERÊNCIAS

KLEIN, M. *A Psicanálise de Crianças*. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

KIRLE, R. M. *Contratransferência Normal e alguns de seus desvios*, in Melanie Klein Hoje, vol II. Imago, Rio de Janeiro, 1990.

MELTZER, D. *A Base Introjetiva das Tendências Polimorfas na Sexualidade Adulta*, in *Estados Sexuais da Mente*, Imago, Rio de Janeiro, 1973.

_____. *O processo Psicanalista da criança ao Adulto*, Imago, Rio de Janeiro, 1971.

PICK, I. B. *Elaboração na contratransferência*, in *Melanie Klein Hoje*, vol II, Imago, Rio de Janeiro, 1990.

PONTALIS e LAPLANCHE. *Vocabulário de Psicanálise*. Martins Fontes, São Paulo, 1995.

VIANA, S. A. *Contratransferência – a questão fundamental do psicanalista*. Escuta, São Paulo, 1993.

Dicionário do pensamento Kleiniano. Imago, Rio de Janeiro, 1996.